

A QUESTÃO DA PSICOLOGIA EMPÍRICA NO PERÍODO PRÉ- CRÍTICO: EXPLICANDO UMA RUPTURA NO PENSAMENTO KANTIANOⁱ

*The Question of Empirical Psychology in the Pre-critical Period:
Explaining a Rupture in Kant's Thought*

SAULO DE FREITAS ARAUJO

Departamento de Psicologia
Universidade Federal de Juiz de Fora
saulo.araujo@ufjf.edu.br

Abstract: Kant's assertions about the nature and limits of empirical psychology in relation to philosophical knowledge are well known and have been abundantly discussed in the secondary literature. The latter, however, has centered on the critical period, leaving some important questions for a better understanding of Kantian thought unanswered. Accordingly, a more thorough explanation of the gradual transformation that empirical psychology underwent in Kant's thought is called for, from its initial subordination to metaphysics in the tradition of Wolff and his disciple Baumgarten to its dissolution in pragmatic anthropology. The aim of this paper is to present the first results of a larger study that will indicate similarities and differences between Wolff and Kant (in his pre-critical period) in their conception of empirical psychology. The concept of empirical psychology and its potential contributions to metaphysics will be emphasized here. Finally, some ramifications of this question in the critical period will be indicated.

Keywords: empirical psychology; Kant; Wolff; history of psychology, history of philosophy

Resumo: As afirmações de Kant sobre o lugar e os limites da psicologia empírica em relação ao conhecimento filosófico são bastante conhecidas e têm sido abundantemente relatadas na literatura secundária. Esta última, no entanto, tem se concentrado principalmente no período crítico, deixando em aberto algumas questões importantes para a compreensão do pensamento kantiano. Nesse sentido, é preciso esclarecer de forma mais consistente a gradual modificação que a psicologia empírica foi sofrendo no pensamento de Kant, desde sua filiação inicial à metafísica, nos moldes de C. Wolff (1679-1754) e seu discípulo A. Baumgarten (1714-1762), até a sua completa dissolução como parte da antropologia pragmática. O objetivo do presente trabalho é apresentar os primeiros resultados de uma pesquisa mais abrangente, que indicam semelhanças e diferenças na concepção de psicologia empírica entre Wolff e Kant em seu período pré-crítico. Serão enfatizados aqui tanto o conceito de psicologia empírica como suas possíveis contribuições para a metafísica. Por fim, será discutida a questão da continuidade ou ruptura desta concepção pré-crítica em relação à primeira edição da Crítica da Razão Pura.

Palavras-chave: psicologia empírica; Kant; Wolff; história da psicologia; história da filosofia

Saulo de Freitas Araujo

A importância das críticas kantianas ao conhecimento psicológico tem sido reconhecida e enfatizada na historiografia contemporânea da psicologia. Tanto a questão da impossibilidade do conhecimento da alma enquanto objeto como a das dificuldades metodológicas de se investigarem os fenômenos psíquicos têm sido fartamente relatadas.¹ No entanto, o modo como o tema vem sendo exposto em geral não revela nem a originalidade nem a profundidade do pensamento de Kant, o que acaba gerando uma apreensão equivocada ou, na melhor das hipóteses, parcial, de seus argumentos.

Deixando de lado aqui a discussão sobre a psicologia racional e analisando somente o problema da psicologia empírica, é curioso notar como as famosas críticas de Kant à sua cientificidade – apresentadas mais explicitamente nos *Metaphysische Anfangsgründe der Naturwissenschaften* (MAN)² – são repetidas exaustivamente na literatura secundária, sem que o contexto específico das mesmas seja suficientemente analisado.³ Com exceção de alguns poucos trabalhos,⁴ falta na maioria dos casos uma discussão mais aprofundada sobre as condições transcendentais do conhecimento em geral e como estas deveriam ser aplicadas ao caso específico do conhecimento psicológico. Ora, sem um esclarecimento preliminar sobre os fundamentos da filosofia crítica de Kant torna-se de fato impossível compreender o verdadeiro sentido de suas duras críticas à psicologia empírica.

Há na literatura secundária, contudo, um outro problema relacionado à contextualização destas críticas, que parece ter passado despercebido pelos intérpretes do pensamento kantiano, a saber, o de uma eventual modificação introduzida por Kant na sua concepção sobre o estatuto e o papel da psicologia empírica no conhecimento humano em

¹ Ver, por exemplo: Bell, Matthew: *The German tradition of psychology in literature and thought, 1700-1840*. Cambridge 2005, 143-147; Boring, Edwin: *A history of experimental psychology*. 2nd ed. New York 1950; Dessoir, Max: *Abriss einer Geschichte der Psychologie*. Heidelberg 1911, 141-155; Flugel, John: *One hundred years of psychology*. Rev. ed. by D. J. West. London 1964; Hatfield, Gary: “Empirical, rational and transcendental psychology: Psychology as science and as philosophy”. In: *The Cambridge Companion to Kant*. Ed. P. Guyer. Cambridge 1992, 200-227; Schultz, Duane and Schultz, Sydney: *A history of modern psychology*. 9th ed. Belmont 2008; Leary, David: “Immanuel Kant and the development of modern psychology”. In: *The problematic science: psychology in nineteenth-century thought*. Eds. W. Woodward and M. Ash. New York 1982, 17-42; Sprung, Lothar: “Immanuel Kant in der Geschichte der Psychologie – Aspekte seines Beitrages in der Entwicklung zur Wissenschaft”. In: *Zur Geschichte der Psychologie*. Ed. G. Eckardt. Berlin 1979, 33-42.

² MAN, AA 04: 467-479

³ Bell: Opus cit.; Gouax, Charles: “Kant’s view on the nature of empirical psychology.” *Journal of the History of the Behavioural Sciences* 8, 1972, 237-242; Hatfield, Gary: “Kant and empirical psychology in the 18th century.” *Psychological Science* 9, 1998, 423-428; Pätzolt, Harald: “Immanuel Kant: Ist Psychologie als Wissenschaft möglich?” *Wissenschaftliche Zeitschrift der Humboldt-Universität zu Berlin. Math.-Nat. Reihe* 32, 1983, 361-364; Sprung: Opus cit.

⁴ Mischel, Theodore: “Kant and the possibility of a science of psychology.” *The Monist* 51, 1967, 599-622; Nayak, Abhaya and Sotnak, Erik: “Kant on the impossibility of the ‘soft sciences’.” *Philosophy and Phenomenological Research* 55, 1995, 133-151; Sturm, Thomas: “Kant on empirical psychology: How not to investigate the human mind”. In: *Kant and the sciences*. Ed. E. Watkins. Oxford, 2001, 163-184; Sturm: “Is there a problem with mathematical psychology in the eighteenth century? A fresh look at Kant’s old argument.” *Journal of the History of the Behavioral Sciences* 42, 2006, 353-377

geral. Haveria uma continuidade entre os períodos pré-crítico e crítico? Ou as críticas expressas nos MAN estão relacionadas apenas ao surgimento e à consolidação da filosofia crítica, aplicando-se, pois, somente ao período crítico?

Desde os primeiros estudos do século XIX, os principais autores que têm se debruçado sobre o problema da psicologia no pensamento kantiano têm admitido que não há nenhuma modificação significativa na concepção de psicologia empírica ao longo da obra de Kant.⁵ Em todos esses trabalhos, aceita-se implicitamente ou defende-se explicitamente que há uma continuidade entre o período pré-crítico e o crítico em relação a esta questão. Entretanto, até o presente momento, nenhuma investigação mais detalhada foi feita para apoiar esta suposição, de forma que ela permanece sem uma fundamentação satisfatória.

O presente trabalho parte exatamente de uma suspeita geral acerca desta suposição. De acordo com nossa hipótese, há uma modificação gradual, porém significativa, na concepção kantiana de psicologia empírica, incluindo aí o seu estatuto como disciplina filosófica.⁶ Mais especificamente, sustentamos que, ainda que a psicologia empírica em si mesma não ocupe um lugar especial nas preocupações de Kant no período pré-crítico, já há aí uma modificação significativa, que virá a tomar um novo impulso com o amadurecimento da filosofia crítica. Resumidamente, diríamos que Kant, inicialmente ligado à tradição wolffiana, vai abandonando a idéia de uma psicologia empírica como ponto de partida para a metafísica, até chegar à formulação da idealidade do espaço e do tempo, na *Dissertação de 1770* (MSI), em que a psicologia empírica assume pela primeira vez um novo estatuto, desvinculada agora da metafísica.⁷ É exatamente essa primeira modificação que queremos aqui examinar e discutir, tendo em vista as suas possíveis implicações para uma melhor contextualização da atitude kantiana diante das possibilidades e limites do conhecimento psicológico.

Antes, porém, de iniciar nossa investigação, é preciso ainda estabelecer um critério metodológico. Do contrário, corremos o risco de nos perder no meio das inúmeras observações psicológicas que Kant faz em seus textos do período pré-crítico. Assim, não são suas considerações sobre o sentimento moral, as doenças mentais ou as fantasias que vamos

⁵ Adickes, Erich: "Einleitung in die Abhandlung des handschriftlichen Nachlasses". In: HN, AA 14: xlix; Buchner, Edward: *A study of Kant's psychology, with reference to the critical philosophy*. Lancaster, 1897; Dessoir, Max: "Kant und die Psychologie." *Kant-Studien* 29, 1924, 98-120; Kim, Soo: *Die Entstehung der Kantischen Anthropologie und Ihre Beziehung zur empirischen Psychologie der Wolffschen Schule*. Frankfurt 1994, 60; Meyer, Jürgen: *Kants Psychologie*. Berlin 1870; Satura, Vladimir: *Kants Erkenntnispsychologie*. Bonn 1971, 21; Sturm: "Kant on empirical psychology." *Opus cit.*; Zammito, John: *Kant, Herder and the birth of anthropology*. Chicago 2002, 379

⁶ Já foi observado que há uma mudança na concepção de Kant. Ver, por exemplo, Brandt, Reinhard e Stark, Werner: "Einleitung". In: V-Anth, AA 25, viii; Sturm, Thomas: *Kant und die Wissenschaften vom Menschen*. Paderborn 2009, 186-191. Entretanto, até onde sabemos, ela ainda não foi satisfatoriamente explicada.

⁷ MSI, AA 02: 398-406

Saulo de Freitas Araujo

aqui analisar, mas somente aquelas referentes à definição e à função da psicologia empírica em relação ao conhecimento filosófico, especialmente à metafísica. Esperamos, assim, apresentar um fundamento claro para nosso juízo sobre a existência da referida modificação e, ao mesmo tempo, oferecer um critério em função do qual nossa hipótese de trabalho deverá ser julgada.

Como é sabido, o principal texto psicológico que Kant toma como base para suas preleções e, por conseguinte, para suas reflexões teóricas sobre a psicologia é a *Metaphysica* de A. Baumgarten (1714-1762),⁸ discípulo e continuador da obra de C. Wolff (1679-1754).⁹ Infelizmente, porém, os documentos que testemunham essa relação inicial de Kant com a psicologia empírica são escassos. Embora tenhamos já na *Metafísica Herder*¹⁰ uma amostra do conteúdo de suas preleções sobre a psicologia empírica entre os anos 1762 e 1764, é somente em *Nachricht von der Einrichtung seiner Vorlesungen in dem Winterhalbenjahre von 1765-1766* (NEV)¹¹ que aparece, pela primeira vez, uma clara, porém curta indicação do estatuto da psicologia empírica e de sua relação com a metafísica. A propósito desta última, depois de enunciar sua adoção do compêndio de Baumgarten, afirma Kant: "Eu começo, então, após uma pequena introdução, com a *psicologia empírica*, que é propriamente a ciência metafísica da experiência do *homem*."¹²

Esta breve passagem deve ser entendida a partir de dois pontos de vistas, que estão intimamente relacionados. Num primeiro plano, as preocupações de Kant são puramente pedagógicas e dirigem-se contra o ensino dogmático e abstrato de filosofia para os jovens que então iniciavam seus estudos universitários. De acordo com ele, seria preciso repensar o modo de ensinar filosofia, que deve, antes de tudo, respeitar o desenvolvimento natural do homem:

Uma vez que o progresso natural do conhecimento humano se apresenta de forma tal que o entendimento só se forma inicialmente com a passagem da experiência aos juízos intuitivos, e destes aos conceitos; e que, em seguida, esses conceitos são conhecidos pela razão em relação

⁸ Baumgarten, Alexander: *Metaphysica*. In: HN, AA 17: 1-226

⁹ Vamos aqui ignorar, em função das limitações de tempo e espaço, as eventuais diferenças entre Wolff e Baumgarten em relação a pontos específicos de suas teorias psicológicas, como, p. ex., no que diz respeito à doutrina da harmonia pré-estabelecida. Ver, sobre este ponto, Casula, Mario: "Die Lehre von der prästabilierten Harmonie in ihrer Entwicklung von Leibniz bis A. G. Baumgarten". In: *Akten des II. Internationalen Leibniz-Kongress. Hannover, 17-22 Juli 1972*. Band III. Wiesbaden, 1975, 397-414; e também Mirbach, Dagmar: "Einführung: Baumgartens *Metaphysica* und Baumgartens *Metaphysik*". In: *Alexander Gottlieb Baumgartens Metaphysik*. Mit einer Einführung, einer Konkordanz und einer Bibliographie von Dagmar Mirbach. Jena 2004, ix-xxiii. O que nos interessa aqui é apenas assinalar a enorme semelhança na concepção de psicologia empírica e de seu lugar na fundamentação da filosofia.

¹⁰ V-MP/Herder, AA 28: 143f., 850-856, 924-931

¹¹ NEV, AA 02: 303-313 (Todas as citações são traduzidas diretamente do original em alemão)

¹² NEV, AA 02: 309 – ênfase no original

Saulo de Freitas Araujo

a seus fundamentos e conseqüências, e, finalmente, em um todo organizado através da ciência, a instrução terá, pois, que tomar o mesmo caminho.¹³

Nesse primeiro sentido, então, a psicologia empírica teria um importante papel pedagógico na formação filosófica, ao fornecer ao jovem estudante uma maior familiaridade com sua própria experiência de vida, que serviria então de base para as tarefas mais abstratas do entendimento e da razão.

Segundo nossa interpretação, contudo, a significação da psicologia empírica não deve ser entendida apenas nesse plano pedagógico. Há ainda um segundo plano de análise, indicado pelo próprio Kant ao longo desse mesmo texto, que diz respeito à questão do método próprio da metafísica. Logo no início de suas considerações sobre esta última, ele se refere à *Untersuchung über die Deutlichkeit der Grundsätze der natürlichen Theologie und der Moral* (UDGTM) – a *Preisschrift* de 1764 – e reafirma a distinção entre o método sintético da matemática e o método analítico da filosofia, enfatizando sua confiança nesta primeira solução do problema da metafísica. Vale aqui lembrar o seu diagnóstico àquela época:

O verdadeiro método da metafísica é, no fundo, idêntico àquele que *Newton* introduziu na ciência da natureza e que gerou para ela conseqüências tão vantajosas. Segundo este método, deve-se buscar, através de experiências seguras, e, se necessário, com o auxílio da geometria, as regras segundo as quais certos fenômenos na natureza ocorrem. ... Do mesmo modo na metafísica: buscai, através de uma experiência interna segura, isto é, através de uma consciência imediata evidente, aquelas características que certamente residem no conceito de uma propriedade geral qualquer; e mesmo que ainda não conheçais toda a essência da coisa, podeis vos servir seguramente daquelas características para deduzir muitos aspectos da coisa em questão.¹⁴

Voltando ao texto da NEV, podemos dizer então que, pelo menos até aqui, Kant se mantém fiel à investigação de 1764 (UDGTM) e acredita firmemente ter encontrado uma solução para o problema da metafísica, como também testemunha sua carta a *J. H. Lambert* (1728-1777) de 31 de dezembro de 1765.¹⁵ Nessa perspectiva, a psicologia empírica, ao fornecer tais experiências imediatas seguras, desempenharia um papel vital na fundamentação de um novo conhecimento metafísico, livre das especulações e fantasias tradicionais derivadas dedutivamente de definições iniciais arbitrárias. Isso equivale a dizer que se Kant recusa explicitamente, por um lado, as soluções de seus antecessores (p. ex. em relação à natureza dos espíritos e da alma), ele parece ainda alimentar, por outro, uma esperança em relação à possibilidade de se alcançar a essência das coisas em si mesmas, desde que esta seja

¹³ NEV, AA 02: 305

¹⁴ UDGTM, AA 02: 286 – ênfase no original

¹⁵ Br, AA 10: 55f.

Saulo de Freitas Araujo

alcançada através do método analítico, que parte não de definições, mas sim de intuições empíricas evidentes.

Tendo esclarecido então o contexto da curta, porém significativa afirmação de Kant sobre a psicologia empírica na NEV, parece-nos agora oportuno indicar, ainda que de forma breve, sua relação com a tradição de Wolff e Baumgarten. Ora, mesmo que Kant eventualmente não tenha tido um contato profundo com a metafísica de Wolff, como nos quer fazer crer École,¹⁶ podemos dizer, após uma análise do referido compêndio de Baumgarten, que há de fato uma convergência geral de posições. Tanto em Wolff¹⁷ quanto em Baumgarten,¹⁸ a justificativa para a filiação da psicologia – entendida sempre como ciência da alma – à metafísica é exatamente a de que ela serve de fundamento para a lógica, a teologia e a filosofia prática. Parece-nos justo afirmar, pois, que Kant se mantém até aqui fiel a Wolff e Baumgarten no que diz respeito à concepção geral de psicologia e à sua relação com o conhecimento filosófico.

O segundo e último momento de nossa análise diz respeito à *Dissertação de 1770* (MSI), na qual uma menção explícita à psicologia empírica aparece novamente. No parágrafo 12, afirma Kant:

Tudo o que, enquanto objeto, se relaciona com os nossos sentidos é um fenômeno, mas aquilo que contém apenas uma forma singular da sensibilidade, sem tocar os sentidos, pertence à intuição pura (isto é, uma intuição vazia de sensações, mas nem por isso intelectual). Os fenômenos são examinados e discutidos, *em primeiro lugar*, na medida em que pertencem ao sentido externo, na FÍSICA; *em seguida*, como fenômenos do sentido interno, na PSICOLOGIA empírica. A intuição pura (humana), porém, não é um conceito universal ou lógico *sob o qual*, mas é um conceito singular *no qual* qualquer sensível é pensado e, por consequência, contém os conceitos de espaço e de tempo. E já que esses últimos, no que diz respeito à *qualidade*, não determinam nada do sensível, eles são objetos da ciência apenas no que se refere à *quantidade*.¹⁹

Essa passagem contém vários elementos importantes. De acordo com nossa interpretação, o contexto dentro do qual a psicologia empírica está aqui inserida de forma alguma pode ser comparado àquele da NEV. Começando pela sua definição, ela aparece aqui, pela primeira vez, como ciência dos fenômenos do sentido interno. Isso pressupõe, por sua vez, a distinção radical entre *phenomena* e *noumena*, que também aparece aqui pela primeira

¹⁶ École, Jean: “De la connaissance qu’avait Kant de la métaphysique wolffienne, ou Kant avait-il lu les ouvrages métaphysiques de Wolff?” In: *Nouvelles études et nouveaux documents photographiques sur Wolff*. Ed. J. École Hildesheim 1997, 152-167

¹⁷ Wolff, Christian: *Einleitende Abhandlung über Philosophie im allgemeinen*. Übersetzt, eingeleitet und herausgegeben von Günter Gawlick und Lothar Kreimendahl. Stuttgart-Bad/Cannstatt 2006, § 90, 92, 96; and also Wolff: *Psychologia empirica*. In: Christian Wolff’s *Gesammelte Werke*, Abtl. II. Bd. 5. Ed. J. École. Hildesheim 1964, § 7-9

¹⁸ Baumgarten: *Opus cit.*, § 502

¹⁹ MSI, AA 02: 397 – ênfase no original

Saulo de Freitas Araujo

vez,²⁰ e traz como consequência a impossibilidade de se chegar à esfera do supra-sensível pela via do sensível. Em outras palavras, a psicologia não pode mais servir de fundamento seguro para um suposto conhecimento da natureza da alma e de Deus, que pertencem ao mundo inteligível.

A passagem acima referida revela também a grande novidade da *Dissertação de 1770*, a saber, a tese da idealidade do espaço e do tempo, que acarreta uma segunda modificação importante no estatuto da psicologia empírica. Como intuições puras, espaço e tempo passam a ser objetos exclusivos da matemática pura, ciência puramente formal, que "expõe a forma de todo o nosso conhecimento sensitivo".²¹ Em função disso, a matemática passa a servir de modelo e fundamento para toda ciência dos fenômenos (física e psicologia). Nas palavras de Kant, "é o órganon de qualquer conhecimento intuitivo e distinto".²² Consequentemente, a psicologia empírica – definida agora como ciência dos fenômenos do sentido interno – passa a necessitar de uma base matemática para sua realização.

Mas a *Dissertação* traz ainda uma terceira modificação vital em relação à NEV de 1765. No parágrafo 8, Kant apresenta uma nova definição de metafísica, a saber, "a filosofia que contém os primeiros princípios do uso do entendimento puro". ... "Assim", continua ele, "visto que em metafísica não se acham princípios empíricos, os conceitos nela encontrados não devem ser procurados nos sentidos, mas na própria natureza do entendimento puro".²³ E mesmo que ele já tivesse indicado no segundo capítulo da segunda parte dos *Sonhos de Um Visionário* (TG) uma nova concepção de metafísica como "ciência dos limites da razão humana",²⁴ é na *Dissertação* que encontramos uma elaboração mais clara desta nova ideia e também de suas consequências.²⁵ A psicologia empírica, a partir de agora, está banida para sempre da metafísica e deve se limitar ao que aparece no sentido interno. Por conseguinte, não pode mais ser vista como uma ciência metafísica. Entretanto, como ciência dos fenômenos do sentido interno, ela ainda é pensada como possível.

Chegamos, assim, ao fim de nossa análise. Esperamos ter demonstrado satisfatoriamente que, ao contrário do que consta na maior parte da literatura secundária, há

²⁰ MSI, AA 02: 392

²¹ MSI, AA 02: 397f.

²² MSI, AA 02: 398

²³ MSI, AA 02: 395 – ênfase no original

²⁴ TG, AA 02: 368 – ênfase no original

²⁵ Seguimos aqui a interpretação de Beiser (in Beiser, Frederick: "Kant's intellectual development". In: *The Cambridge Companion to Kant*. Ed. P. Guyer. Cambridge 1992, 26-61), segundo a qual há uma compatibilidade entre MSI e TG. Isso vai de encontro a interpretações mais tradicionais, como as de Vleeschauwer (in Vleeschauwer, Herman: *The development of Kantian thought: The history of a doctrine*. London, 1962) e Zammito (in Zammito: *Opus cit.*), que vêem na *Dissertação* uma ruptura radical com o ceticismo dos *Sonhos*.

Saulo de Freitas Araujo

uma alteração gradual, porém significativa, na concepção de Kant sobre o estatuto da psicologia empírica e suas possíveis relações com a filosofia. E que, além disso, tal modificação já se faz presente no próprio período pré-crítico. É preciso investigar ainda, nos próximos 10 anos que antecedem a publicação da primeira edição da *Crítica da Razão Pura* (KrV) (1771-1781), a relação entre a psicologia empírica e o início dos cursos sobre Antropologia que Kant passa a oferecer e dos quais temos testemunhos abundantes nas *Vorlesungen über Anthropologie*.²⁶ De qualquer modo, acreditamos ter oferecido em nossa interpretação o contexto inicial a partir do qual Kant vai progressivamente diminuindo seu entusiasmo em relação à psicologia empírica, até culminar naquilo que nos parece ser uma “tripla negativa”: 1) seu banimento oficial da metafísica já na primeira edição da KrV em 1781;²⁷ 2) a recusa de seu status como ciência propriamente dita nos MAN em 1786;²⁸ 3) sua completa dissolução enquanto disciplina autônoma na *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht* in 1798.²⁹ Esperamos, assim, fazer justiça à originalidade e à profundidade do pensamento de Kant, oferecendo, simultaneamente, uma melhor contextualização de suas relações com a psicologia empírica, que ainda necessitam de mais investigações.

REFERÊNCIAS

Adickes, E. (1925) Einleitung in die Abhandlung des handschriftlichen Nachlasses. In: *Kant's Gesammelte Schriften. Band XIV*. Herausgegeben von der Deutschen Akademie der Wissenschaften zu Berlin. Berlin: de Gruyter (p. Xv-lxii)

Baumgarten, A. (1757) *Metaphysica*. In: *Kant's Gesammelte Schriften. Band XVII*. Herausgegeben von der Deutschen Akademie der Wissenschaften zu Berlin. Berlin: de Gruyter, 1926 (p. 1-226)

Beiser, F. (1992) Kant's intellectual development. In: Guyer, P. (ed.) *The Cambridge Companion to Kant*. Cambridge: Cambridge University Press (p. 26-61)

²⁶ V-Anth, AA 25

²⁷ KrV, AA 04: A 849

²⁸ MAN, AA 04: 471

²⁹ Anth, AA 07: 117-333

Bell, M. (2005) *The german tradition of psychology in literature and thought, 1700-1840*. Cambridge: Cambridge University Press

Boring, E. (1950) *A history of experimental psychology*. 2. Aufl. New York: Appleton-Century-Crofts

Brandt, R. & Stark, W. Einleitung. In: *Kant's Gesammelte Schriften. Band XXV*. Herausgegeben von der Berlin Brandenburgischen Akademie der Wissenschaften. Berlin: de Gruyter (p. vii- cli)

Buchner, F. (1897) *A study of Kant's psychology, with reference to the critical philosophy*. New York: Kessinger Publishing, 2007

Casula, M. (1975) Die Lehre von der prästabilierten Harmonie in ihrer Entwicklung von Leibniz bis A. G. Baumgarten. *Akten des II. Internationalen Leibniz-Kongress*. Hannover, 17-22 Juli 1972. Band III. Wiesbaden: Steiner (p. 397-414)

Dessoir, M. (1924) Kant und die Psychologie. *Kant-Studien*, 29, 98-120

École, J. (1997) De la connaissance qu'avait Kant de la métaphysique wolffienne, ou Kant avait-il lu les ouvrages métaphysiques de Wolff? In: Ecole, J. (ed.) *Nouvelles études et nouveaux documents photographiques sur Wolff*. Hildesheim: Olms (p. 152-167)

Flugel, J. (1964) *One hundred years of psychology*. Revised edition by D.J. West. London: Methuen

Gouax, C. (1972) Kant's view on the nature of empirical psychology. *Journal of the History of the Behavioural Sciences*, 8: 237-242

Hatfield, G. (1992) Empirical, rational and transcendental psychology: Psychology as science and as philosophy. In: Guyer, P. (ed.) *The Cambridge Companion to Kant*. Cambridge: Cambridge University Press (p. 200-227)

Hatfield, G. (1998) Kant and empirical psychology in the 18th century. *Psychological Science*, 9(6): 423-428

Kant, I. (1764) Untersuchung über die Deutlichkeit der Grundsätze der natürlichen Theologie und der Moral. In: *Kant's Gesammelte Schriften. Band II*. Herausgegeben von der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften. Berlin: Reimer, 1910 (p. 273-301)

_____. (1765) Nachricht seiner Vorlesungen. *Kant's Gesammelte Schriften. Band II.* Herausgegeben von der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften. Berlin: Reimer, 1910 (p. 303-313)

_____. (1765) Brief an Lambert, 31 de dezembro de 1765. In: *Kant's Gesammelte Schriften. Band X.* Herausgegeben von der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften. Berlin: de Gruyter, 1922 (p. 55f.)

_____. (1766) Träume eines Geistersehers, erläutert durch Träume der Metaphysik. In: *Kant's Gesammelte Schriften. Band II.* Herausgegeben von der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften. Berlin: Reimer, 1910 (p. 315-373)

_____. (1770) De mundi sensibilis atque intelligibilis forma et principiis. In: *Kant's Gesammelte Schriften. Band II.* Herausgegeben von der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften. Berlin: Reimer, 1910 (p. 385-419)

_____. (1781) Kritik der reinen Vernunft (A). In: *Kant's Gesammelte Schriften. Band IV.* Herausgegeben von der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften. Berlin: Reimer, 1911 (p. 1-252)

_____. (1786) Metaphysische Anfangsgründe der Naturwissenschaften. In: *Kant's Gesammelte Schriften. Band IV.* Herausgegeben von der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften. Berlin: Reimer, 1911 (p. 467-565)

_____. (1798) Anthropologie in pragmatischer Hinsicht. In: *Kant's Gesammelte Schriften. Band VII.* Herausgegeben von der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften. Berlin: Reimer, 1917 (p. 117-333)

_____. (1968-1970) Metaphysik Herder. In: *Kant's Gesammelte Schriften. Band XXVIII.* Herausgegeben von der Deutschen Akademie der Wissenschaften zu Berlin. Berlin: de Gruyter (p. 1-166; 839-961)

Kim, J. (1994) *Die Entstehung der Kantischen Anthropologie und Ihre Beziehung zur empirischen Psychologie der Wolffschen Schule.* Frankfurt: Peter Lang

Leary, D. (1982) Immanuel Kant and the development of modern psychology. In: Woodward, W. & Ash, M. (eds.) *The problematic science: psychology in nineteenth-century thought.* New York: Praeger (p. 17-42)

Meyer, J.B. (1870) *Kants Psychologie*. Berlin: Wilhelm Hert

Mirbach, D. (2004) Einführung: Baumgartens *Metaphysica* und Baumgartens *Metaphysik*. In: *Alexander Gottlieb Baumgartens Metaphysik*. Mit einer Einführung, einer Konkordanz und einer Bibliographie von Dagmar Mirbach. Jena: Scheglmann (p. ix-xxiii)

Mischel, T. (1967) Kant and the possibility of a science of psychology. *The Monist*, 51, 599-622

Nayak, A e Sotnak, E. (1995) Kant on the impossibility of the “soft sciences”. *Philosophy and Phenomenological Research*, 55(1): 133-151

Pätzold, H. (1983) Immanuel Kant: Ist Psychologie als Wissenschaft möglich? *Wissenschaftliche Zeitschrift der Humboldt-Universität zu Berlin*. Math.-Nat. Reihe, 32(3): 361-364

Satura, V. (1971) *Kants Erkenntnispsychologie*. Bonn: Bouvier (Kantstudien, Ergänzungshefte, 101)

Schultz, D. e Schultz, S. (2008) *A history of modern psychology*. 9th ed. Belmont: Wadsworth

Sprung, L. (1979) Immanuel Kant in der Geschichte der Psychologie – Aspekte seines Beitrages in der Entwicklung zur Wissenschaft. In: Eckardt, G. (ed.) *Zur Geschichte der Psychologie*. Berlin: Deutscher Verlag der Wissenschaften (S. 33-42)

Sturm, T. (2001) Kant on empirical psychology. In: Watkins, E. (ed.) *Kant and the sciences*. Oxford: Oxford University Press (p. 163-184)

Sturm, T. (2006) Is there a problem with mathematical psychology in the eighteenth century? A fresh look at Kant's old argument. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 42(4): 353-377

Sturm, T. (2009) *Kant und die Wissenschaften vom Menschen*. Paderborn: Mentis

Vleeschauer, H. de (1962) *The development of Kantian thought: The history of a doctrine*. London: Thomas Nelson & Sons

Saulo de Freitas Araujo

Wolff, C. (1728) *Einleitende Abhandlung über Philosophie im allgemeinen*. Übersetzt, eingeleitet und herausgegeben von Günter Gawlick und Lothar Kreimendahl. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2006

Wolff, C. (1732) *Psychologia empirica*. In: École, J. (ed.) *Christian Wolff's Gesammelte Werke*, Abtl. II, Bd. 5. Hildesheim: Olms, 1964

Zammito, J. (2002) *Kant, Herder and the birth of anthropology*. Chicago: The University of Chicago Press

ⁱ O autor gostaria de agradecer à FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais) pelo apoio financeiro (APQ-00691-08).